

PARTE V

NOVAS DIMENSÕES DA REALIDADE

CAPÍTULO XVII

Uma prova pessoal de outras dimensões da realidade; Prova coletiva de outras dimensões da realidade; Primeira experiência de Regina com sessão de materialização; A Benção Cósmica de nossas alianças; Meu pai consulta o Dr Fritz; Livro “Além da Parapsicologia”; Dr Puharish da NASA em nossa casa

No capítulo I já me referi que eu, aos 7 anos de idade, fui autorizado a assistir a uma sessão de materialização, no campo da meta-psíquica ou espiritismo científico, que meu pai realizava como pesquisa em sua residência, em Resende/RJ. Pois bem, a partir daí não faltei a nenhuma. Fui crescendo e recebendo atribuições. Primeiro, me tornei responsável pelo controle dos presentes, nos quais colocava uma ficha tipo das de ônibus, que eu pintava com tinta fosforescente, nas quais fazia um pequeno furo. Passava uma linha por todos os furos e pregava a ficha, com um alfinete, na camisa dos homens e nas blusas das mulheres, depois, é claro, de pedir licença. No final, eu ficava com as duas pontas da linha nas minhas mãos. Isso servia para eu sentir se alguém tivesse se levantado. Além do mais, a tinta fosforescente indicava a posição de qualquer pessoa, por mais escuro que estivesse. Os presentes, todos amigos de meu pai, gostavam desses procedimentos. Afinal, era uma pesquisa e não tinha nada de religião. Esse controle da linha com as fichas, foi diminuído, até desaparecer, porque passaram a achá-lo desnecessário.

Agora, vou citar uma prova pessoal de outras dimensões da realidade. Depois do episódio do beijo da Terezinha (Capí-

tulo 1), eu virei um assíduo frequentador das pesquisas das sessões de materialização promovidas por meu pai. Fui crescendo... A música, nas sessões, provinha dos discos tocados em uma eletrola, dentro de um móvel de madeira, da altura da cintura de um adulto. A tampa superior se abria para dar acesso à colocação dos discos, naquela época, duros e de 78 rpm. O controle do volume, era pelo lado externo, na frente do móvel. Como disse, eu fui crescendo e, quando estava em condições, assumi o controle do som. Os discos, eu preparava para colocar o certo, colando um pequeno pedaço de esparadrapo no selo central, ao lado do furo para entrada no toca-discos. Eu identificava, o disco, no escuro – nem sempre tinha o reostato com a luz vermelha – pelo tato e pela quantidade de pequenos esparadrapos no selo. Por exemplo: Ave Maria tinha um esparadrapo; valsas tinham dois; meditação, três; folclóricas, quatro, etc.

As “entidades” que costumavam frequentar essas reuniões, segundo meu pai, eram atraídas pela frequência vibratória das pessoas e do ambiente. Elas se comunicavam através do médium (pela voz dele) ou por tipologia: pancadinhas em qualquer parede ou móvel, em que uma pancadinha queria dizer “sim” e duas, “não”. Eles – as entidades – passaram a me chamar de “maestro”, pela minha condição de responsável pela música e pela eletrola. Pois bem, uma noite, sem a luz vermelha, portanto escuro como breu, as entidades deram a entender que o som estava alto e meu pai determinou que eu o diminuísse. Então, fui colocar a mão sobre o botão que controlava o volume e, qual não foi a minha surpresa, quando encontrei outra mão, já no local, realizando o processo. Tirei minha mão e falei, bem alto: “Quem abaixou o som não fui eu. Encontrei outra mão, lá, no botão”. E acrescentei: “Senti, pelo tato, que era u’a mão magra, com os ossos ressaltados, me lembrando, muito, a mão do médium!”. Fez-se silêncio total. Alguns segundos depois, naquele escuro qual breu, fui levantado pelos punhos por duas mãos que os pegaram. Eu, então, falei, ainda bem alto. “Eles me levantaram e, se alguns de vocês, virem um vulto, já sabem que sou eu!”. Fui conduzido, então, para onde estava o médium, dormindo, em estado cataléptico. Minhas mãos foram postas, cada uma, em um dos ombros do médium

e, com leve pressão, empurram-nas até eu segurar, por inteiro, as mãos dele. Neste momento, parei de sentir a pressão sobre as minhas mãos quando, de súbito, como se fossem flashes de máquinas, eu e o médium ficamos bem iluminados e todos viram, nitidamente, eu debruçado sobre ele, com as suas duas mãos nas minhas. A escuridão voltou, meus punhos foram seguros mais uma vez e eu voltei ao meu lugar. A luz, que nos iluminou, como flashes, ninguém teve ideia da origem. Até hoje tenho certeza, e todos concordaram comigo, que as “entidades” decidiram dar uma prova que não foi a mão do médium. Creio que eu mereci...

Ainda com referência à tal eletrola, uma noite, em uma sessão, ela começou a exalar um cheiro de queimado. Desliguei-a e falei alto para que todos ouvissem, que a sessão transcorreria sem som. Todos aquiesceram, como não podia deixar de ser. Veio a sessão seguinte, quando me dei conta que eu havia esquecido de procurar o defeito e mandar concertá-la. Pois bem, tão logo a liguei, o cheiro de queimado voltou. Eu me encabulei e confessei o meu lapso. Desliguei a vitrola. Imediatamente após, todos ouviram barulhos estranhos por dentro da máquina. Então, pela voz do médium já em estado cataléptico, levei o maior “pito”, com a entidade me chamando de “Maestro” falando que eu agira com um irresponsável, mas, como eles haviam se preparado para aquele momento, e precisavam de música, “eles próprios” concertaram o problema, e terminou assim: “Maestro, não acostuma não! Nunca mais mexeremos em nada de sua responsabilidade!”.

Agora, vou citar um caso que considero como uma prova coletiva de outras dimensões da realidade. Uma ocasião, ao término da sessão de materialização, em Resende/RJ, algumas das pessoas presentes disseram, a meu pai, que gostariam que, na próxima sessão, o médium estivesse amarrado, na cadeira, para se certificarem que ele, mesmo que inconscientemente, pudesse interferir nos fenômenos. Ficou decidido que, na próxima reunião, quem quisesse poderia trazer seu próprio cadeado e corrente. O médium aquiesceu – já que a reunião era de pesquisa – e assim foi feito. Chegou o dia. Cerca de quatro pessoas trouxeram corrente e cadeados, das marcas mais diversas:

pado, papaiz, etc. Providenciamos uma cadeira de braço e, ali, sentou-se o médium que teve os punhos e os pés acorrentados e presos com cadeados. Na cintura, também, foi passada uma corrente que, após enlaçar o encosto da cadeira, foi presa com um cadeado. Tudo pronto, checado... e apaguei a luz. Escuro como breu. Instantes depois, o ressonar do médium se fez ouvir, porque ele havia entrado em estado cataléptico. Imediatamente após, todos ouvimos vários “tacks”, seguidos da voz do médium, já em transe. “Amigos, pedimos que acendam a luz e fechem os cadeados. Vocês os deixaram abertos!”. Ato contínuo, acendi a luz e o pessoal, perplexo, verificou que todos os cadeados estavam abertos... e o médium continuava em transe. Então, cada um voltou a fechar o seu e, novamente, a luz foi apagada. Mais alguns segundos, ouviu-se os mesmos “tacks”, seguidos da voz do médium: “Amigos, os seus cadeados continuam abertos. Isso é para mostrar que, se quisermos utilizar, fisicamente, o médium, para produzir os fenômenos que preparamos para vocês, nós o faremos, com ou sem cadeados! Acendam a luz, e a decisão é de vocês!”.

A luz foi acesa e todos os donos de cadeados e correntes os retiraram, absolutamente convencidos que não serviram ao fim que pretendiam. A perplexidade foi geral e a confiança no médium e nos fenômenos produzidos pelas “entidades”, atingiram um grau máximo. A consequência foi uma das mais profícuas sessões de materialização, tendo em vista a segurança e a confiança dos assistentes. Nunca mais ninguém insinuou maior do controle do médium...

Chegou o momento de mencionar, aqui, a primeira experiência de Regina com sessões de materialização. Quando eu comecei a namorar Regina, minha sogra Leontina era católica. Meu sogro Lincoln não tinha religião e era materialista. Regina, assim que me conheceu, se interessou por assuntos espiritualistas, principalmente os que meu pai estudava e pesquisava.

Meu pai tinha um irmão, Darcy, médico psiquiatra, um dos fundadores da sociedade Brasileira de Psicanálise e Chefe do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina. Aí pelo ano de 1962, tio Darcy foi visitar meus pais em Niterói, acompanhado por sua esposa Ondina. Meu tio gostava

va muito das sessões de materialização que já havia assistido, promovidas por meu pai, desde Resende/RJ. Nessa visita, em Icaraí-Niterói/RJ, meu pai improvisou uma sessão restrita, em seu apartamento. Dela, só participaram meu pai, minha mãe, tio Darcy, tia Ondina, eu e Regina, que assistiria, pela primeira, a algo desta natureza.

Quarto pequeno (3 x 3m), janela com cortina de pano fechada e as frestas tapadas com jornal velho, para ficar bem escuro. Nas duas cadeiras à direita, de que vem da porta, sentamos Regina e eu. No sofá, em frente a nós, separados por, talvez, 1,5 m, sentaram-se minha mãe, meu pai, tio Darcy e tia Ondina. Finalmente, no espaço de parede ao lado esquerdo da janela, sentou-se o médium. Pronto o dispositivo, apaguei a luz. Escuro que nem breu, como de costume...

Meu pai fez a prece de abertura, que sempre fazia, apesar da não conotação religiosa daquele tipo de reunião. De repente, o ambiente é inundado com um perfume suave e delicioso. Ao mesmo tempo, rente ao teto, no centro do quarto, aparece um objeto difuso, cerca de um palmo de comprimento por meio palmo de largura, de cor rosácea, que se balançava levemente. Minha mãe perguntou, em voz alta: “É alguma ‘entidade’ amiga, que frequenta nossas reuniões?”. A resposta veio por tipologia, com uma pancadinha em algum lugar, querendo dizer “sim” (duas pancadinhas significaria “não”). Minha mãe replicou: “É o Atanásio?”. A resposta veio em 2 pancadinhas, “não”. Naquele instante, tive a certeza de que se tratava da Terezinha, minha querida amiguinha, desde que eu era criança. Mas, fiquei quieto. A seguir, mamãe perguntou: “Então, é o Paulista?”. Resposta: duas pancadinhas significando “não”. Aí, foi a vez de meu pai perguntar: “É o Ismael?”. E a resposta: duas pancadinhas, ou “não”. Mamãe prosseguiu: “Deixe-me pensar mais, em algum nome!”. Nesse momento, eu disse: “É a Terezinha!”. Resposta imediata: “Sim”, através de uma pancadinha. Naquele instante soltei a mão da Regina, fechei os olhos, entrelacei os dedos das minhas mãos, abaixei a cabeça e rezei, como fizera aos sete anos de idade, para que ela viesse me dar um beijo. Passados alguns segundos, a Regina exclamou: “Paulito, aquela coisa pousou na sua cabeça e você está todo

iluminado!”. Ao que repliquei, sentindo, pelo tato, que o alto de minha cabeça estava recebendo beijinhos: “Eu sei! A Terezinha está atendendo ao pedido que fiz à ela!”.

A sessão prosseguiu, com vários fenômenos importantes acontecendo, me deixando feliz por Regina estar presenciando. Em determinado momento, Regina falou em voz alta: “Paulito, você está vendo este homem na nossa frente?”. Respondi: “Estou! E peço a você que o descreva minuciosamente!”. Ela, então, foi em frente. “Com muita nitidez, está na nossa frente, um homem alto, elegante, vestido de branco, com camisa de manga comprida e calça bem vincada. Só o rosto é que está embaçado!”. Respondi: “Confere, é exatamente o que eu estou vendo!”. Detalhe importante: Naquele quarto pequeno, só nós dois víamos o homem. Para o restante dos presentes, estava escuro, como breu... Como explicar? Costumo dizer, de brincadeira, que Regina só não tem ciúmes de duas mulheres: Terezinha e Nefertiti, a rainha esposa de Akhnaton, ou Amenofis IV. Mas isso é uma outra história! ...

Regina e eu estávamos noivos, de casamento marcado. Regina já estava familiarizada com sessões da materialização. Meus pais moravam em Icaraí, Niterói/RJ. Estávamos, os dois juntos, em uma das sessões, na sala de seu apartamento. A escuridão era total, por conta das cortinas de pano fechadas e as brechas preenchidas com papel de jornal, como fazia minha mãe, visto que a luz natural prejudicava os trabalhos com o ectoplasma, conforme meu pai. Cochichei no ouvido de Regina sobre pedir às “entidades” que abençoassem nossas alianças. Ela aquiesceu. Peguei as duas alianças e as coloquei na palma da minha mão esquerda. Nem eu as enxergava, em razão da escuridão absoluta. Falei, então, em voz alta, e pedi se as “entidades” poderiam abençoar nossas alianças, por que nos casaríamos em breve. Poucos segundos depois, fechei minha mão esquerda e as alianças não estavam mais lá. Isso, sem nenhuma sensação, pelo tato, que as alianças haviam sido retiradas dali. Antes de terminar a sessão, pela voz do médium, nos foi dito que elas foram levadas, para serem abençoadas. Isso nos preocupou, porque o casamento se realizaria em data próxima. Ao término da sessão, pedi ao meu pai que já marcasse uma

outra, para que as alianças pudessem ser devolvidas.

Uma semana depois, estávamos reunidos, de novo, na casa do meu pai. Nós, Regina e eu, preocupadíssimos com as nossas alianças. Começou a sessão. Como sempre, a escuridão dominava. Em determinado momento, todos ouvimos um leve tilintar de metal, circulando sobre as cabeças dos presentes. Tive a intuição do que seria e abri a minha mão esquerda, palma para cima. Súbito, o ruído cessou. Sem que houvesse nenhuma sensação de tato, fechei a minha mão e constatei que as alianças estavam lá, amarradas, uma à outra, por um pequeno cordão dourado, que conservo até hoje. Regina e eu ficamos muito felizes. Os demais, encantados por participarem de fenômeno tão significativo. Só não contei para o padre Abílio, que nos casou em 19 de janeiro de 1963.

Tornou-se uma constante a presença de Regina nos trabalhos de cura paranormal que meu pai, frequentemente, realizava. Ele a convidava para estar presente, pela força de sua fé e a disposição para colaborar.

Em 1988, quando eu comandava o 4º BPE, em Olinda/PE. Meu pai estava bastante incomodado com dores fortíssimas em seu nervo crural – por trás do ciático –, perna esquerda, que não tinha remédio que aliviasse, bem como, pela idade, não podia fazer cirurgia. Foi então que tomei conhecimento que, no Recife, atuava um tal Dr. Edson Queirós, que incorporava o espírito do mesmo médico alemão, Dr. Fritz, que trabalhou com José Arigó, até antes de sua morte. Localizei o seu telefone e liguei para ele. Disse que atendia à 4ª feiras, às 21 horas e deu o endereço para que eu fosse lá. Na próxima 4ª f, cheguei 15 minutos antes. Auditório lotado, cerca de 150 pessoas. Ele subiu ao palco, pegou o microfone e foi logo perguntando se estava presente o Paulo Uchôa. Levantei o braço. Pouco depois, estava com ele em uma sala, onde conversamos um bocado. Ele deixou um parceiro falando com os presentes no auditório. Me surpreendi quando ele disse que foi soldado no 4º BPEB, que eu comandava. Em seguida, elogiou muito meu pai, falando que frequentara diversas palestras dele, e perguntando sobre seu estado de saúde. Relatei. Ele então pediu que, se possível, o levasse para uma consulta em uma 4ª feira. Respondi que ia

providenciar e ele me convidou para fazer parte de sua equipe, para os trabalhos daquela noite.

Concordei e começaram a entrar os seus auxiliares, todos vestidos de branco, e ocuparam cadeiras dispostas no corner da sala oposto à porta de entrada. Eram 3 linhas de cadeiras, cada uma com 5 (cinco). Eu fiquei no meio da 1ª linha. A sala tinha mais duas cadeiras em frente à porta de entrada, mais duas defronte ao grupo onde me encontrava e, no centro, uma cama tipo hospital, de cabeceira e pés reguláveis. O Edson Queirós, de pé, começou a respirar forte e cada vez mais rápido, até que incorporou o Dr. Fritz. Caminhou até onde estávamos e, cada um se levantava à medida que era cumprimentado. Quando chegou a minha vez, ele me abraçou (fui o único) e falou, num sotaque alemão bem forte: “Seja bem-vindo Soldado de Cristo!”. Depois dos cumprimentos, um auxiliar com as fichas dos pacientes na mão, chamou o primeiro da lista... e ele foi atendendo um a um. Haviam dois homens de uma TV francesa, que estavam lá, autorizados a filmar. Presenciei, de forma privilegiada, fatos inexplicáveis, como o “Dr. Fritz” enfiar a mão completamente dentro da boca de uma mulher para alcançar o ouvido dela, por dentro, onde a jovem tinha um problema; outros casos seguiram, até que chamaram uma mulher, com um tumor no seio.

Ela se deitou na cama, sobre a qual já falei, e o “Dr. Fritz”, olhando para nós, sua equipe, que estava sentada para doar energia, mirou um a uma, me olhou fixamente e disse, apontando para mim, com seu sotaque alemão: “Você, vem aqui pra me ajudar!”. Surpreendido, me levantei e fui lá. A mulher estava com o seio à mostra e eu notei que, logo abaixo dele, tinha algo como que um caroço. O “Dr. Fritz”, então, me determinou: “Usando os dedos de suas duas mãos, afasta a pele dela, para que o caroço fique mais fácil de acessar!”. Assim eu fiz e ele, com uma pequenina faca que lhe passaram – e que eu não vi esterilizar – fez um corte, de uns 3 centímetros de comprimento por 2 cm de profundidade. O caroço veio para fora, preso por um feixe de nervos, sei lá, que ele cortou com uma tesoura. Colocado o caroço numa pequena bandeja, ele ordenou: “Manda analisar!”. Com os dedos de uma de suas mãos, o “Dr. Fritz”

juntou ambas as partes do corte e, com a outra, fixou-as com um grosso esparadrapo, sem nenhum medicamento ou limpeza. Em seguida disse para a mulher se levantar, tomar uma água fluidificada e ficar sentada naquela cadeira de frente à equipe de apoio, para se recuperar. Disse ainda que ela voltasse na próxima 4ª feira, para ver se necessitava de algo mais. Tudo isso ocorreu a dois palmos de distância de meus olhos. A TV francesa filmou tudo. Não sei explicar como tudo aconteceu. Só sei de uma coisa: eu não era “passageiro de primeira viagem”, e nem tampouco influenciável, tendo em vista as minhas experiências desde os 7 anos, com fenômenos paranormais.

Falei com meu pai, que morava em Brasília e, em menos de um mês ele estava em minha residência, em Olinda, para a consulta com o “Dr. Fritz”. Eu avisei ao Edson Queirós que levaria meu pai, na próxima 4ª feira. E assim foi. Da mesma forma como aconteceu comigo, meu pai fez parte da equipe para incrementar energia. Tudo aconteceu como antes, com outras pessoas consultadas, estranhos procedimentos de cura, sem explicação. Só não teve TV ou alguém que precisou da tal cama. Ao final, o “Dr. Fritz” chamou meu pai, o examinou-o da cabeça aos pés e, ao fim, disse com seu sotaque alemão. “O seu problema é cármico! Não existe nada que eu possa fazer!”.

O primeiro livro de meu pai – e que o ajudei com a datilografia – foi “Além da Parapsicologia”. Nesse livro ele descreve, de forma sucinta, os fatos paranormais que ocorreram, com ele mesmo, ao longo da vida e que não procura justificar com essa ou aquela teoria. Ele apenas comenta, com base nos estudos e pesquisas que desenvolvia, mas deixava a conclusão para leitor. Ele inicia o livro, fazendo duas citações importantíssimas para o melhor entendimento do que eu disse acima

A primeira é de J. B. Rhine, fundador da investigação científica na Universidade de Duke, na Carolina do Norte, EUA:

“O fato de que se produza interação entre os sistemas psíquicos e físicos implica, para a mente lógica, a existência de uma unidade fundamental que sugere pertencerem os fenômenos da parapsicologia

*e da física a um mesmo universo que os compreende.
Se assim é, é porque ainda está por descobrir-se
uma porção da realidade maior que a até aqui revelada...”*

A segunda citação é de Camille Flammarion, famoso cientista e astrônomo:

*“Existe no Cosmos um elemento dinâmico,
invisível imponderável, espalhado através do Universo,
independente da matéria visível e
ponderável e que age sobre ela.
E neste elemento dinâmico há uma inteligência superior à
nossa...”*

Em 1963, o chefe do Departamento de Parapsicologia do Projeto Apolo / NASA, Henry Andrija Puharich e Henri Belk, de uma fundação americana de pesquisas de fenômenos paranormais, empreenderam uma viagem ao Brasil, com o intuito de pesquisar e conferir, pessoalmente, fenômenos parapsicológicos que consideravam de suma importância. Em nosso país, vieram eles para testemunhar o fenômeno José Arigó, em Congonhas do Campo/MG e presenciar uma sessão de materialização na residência de meu pai, em Niterói.

Eles foram, primeiro, ao José Arigó e, depois, à Niterói, no apartamento de meu pai, que preparou uma sessão exclusiva para eles pesquisarem. Eu estava lá. Eles filmaram tudo, fotografaram, entrevistaram, enfim, ficaram à vontade durante a sessão e saíram de casa satisfeitos. Estavam acompanhados por um intérprete e por um oficial médico da Força Aérea dos EUA. No final da sessão, minha mãe serviu um lanche, enquanto conversávamos.

O que eu quero destacar aqui, foi o que eu testemunhei o próprio Dr Puharich sobre a visita a José Arigó. Disse-nos ele que chegaram na hora certa, combinada com antecedência. José Arigó estava em trabalhos de cura mediúnica e iria recebe-los na própria sala de trabalho. Eles estavam de terno e gravata. Arigó estava mediunizado e os cumprimentou como sendo o Dr Fritz, com sotaque bem alemão. Enquanto segura-

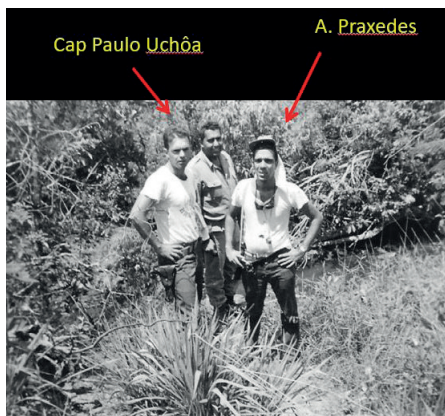
va a mão de Puharich, Arigó, mais precisamente o Dr Fritz, perguntou, no seu português “carregado”, porque ele era tão covarde? O intérprete traduziu e o Dr Puharich pediu que perguntasse ao Dr Fritz, porque o considerava covarde. A resposta veio de imediato. Disse que o chamara de covarde, porque tinha medo de tirar o tumor que tinha no braço direito, perto do cotovelo. Da comitiva, só o oficial médico da Força Aérea/EUA sabia da existência do tal tumor e foi logo dizendo que Puharish não deveria cair naquela tentação, pois ainda não se sabia das ramificações que o tumor teria, podendo, inclusive, afetar o movimento dos dedos da mão. Puharish replicou afirmando que ele estava ali para pesquisar e não iria recusar a possibilidade de, ele mesmo, confirmar a autenticidade do fenômeno Arigó. Dito isso, retirou o paletó, arregaçou a manga da camisa e apresentou o braço para o canivete, já um tanto usado, do Dr Fritz. Isso havia ocorrido há menos de uma semana. O Dr Puharish, então, mostrou para nós a cicatriz da cirurgia. Não era uma cicatriz, era apenas uma marca de um pequeno corte.

CAPÍTULO XVIII

Pesquisas na área da ufologia; Início em Alexânia; O Cantinho da Voíta; Claustrofobia Cósmica; O “desequilíbrio psíquico” da esposa de um amigo; A Telepatia como meio de comunicação; Os 21 UFOs avistados sobre São Paulo; Filme Contatos Imediatos de 3º Grau; Operação Prato; Mergulho no Hiperespaço; A empresa aeroespacial de Robert Biglow

Era o ano de 1967. Eu morava em Brasília e meu pai, em Niterói. Eu fazia parte do Grupo de Pesquisas Parapsicológicas de Brasília e estava ansioso para que meu pai se mudasse, definitivamente para esta capital. Um dia, fui procurado pelo cidadão Antonio Praxedes, chefe da sucursal da Rede Globo, em Brasília, que havia sido meu aluno no Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), em Niterói, no ano de 1962. Ele me fez um convite para participar do grupo que estava preparando para uma pesquisa sobre discos voadores, em uma fazenda nas proximidades de Alexânia/GO, perto de Brasília. O fato era o seguinte. A fazenda Rio D’Ouro – ou Chapadinha – pertencia ao Sr Wilson Gusmão, chefe do escritório de Goiás em Brasília. Desde há algum tempo que ocorriam estranhos fenômenos luminosos, o que estava assustando seus empregados. Praxedes soube disso, procurou Wilson Gusmão e perguntou se a Rede Globo poderia fazer uma reportagem na área. Inicialmente ele recusou, alegando que sua pessoa iria se expor, devido ao cargo que exercia. Praxedes retrucou que a própria Rede Globo, que iria gastar muito dinheiro com a pesquisa, iria ficar em silêncio se nada fosse comprovado. Por outro lado, se provasse que se tratavam de UFOs – o mais provável – seria até bom para ele, que entraria para a história. Ele aceitou e Praxedes começou a preparar o grupo. Providenciou

a vinda de dois técnicos em vídeo tape noturno, de Porto Alegre, juntamente com seus equipamentos. Por outro lado, vindos do Rio de Janeiro, mais dois técnicos em monitoramento de variações no campo eletromagnético local, também com seus equipamentos. Somados ele próprio e mais três da sua equipe, era um total de 08 (oito) integrantes. Tudo planejado, tudo autorizado. Uma noite, já com tudo decidido, estava Praxedes em sua residência, fazendo a barba, quando começou a pensar na “grande aventura” que estava prestes a realizar. E se lembrou que, de acordo com recomendações do proprietário da fazenda, que fossem todos armados, porque a área tinha muitos animais ferozes, como onça, lobos, etc. De repente – contou-me ele – as mãos dele caíram na pia e ele ficou olhando no espelho o seu rosto ensaboado, com o seguinte pensamento forte em sua mente: “as máscaras de chumbo de Niterói”. Voltando à calma ele se lembrou que tinha notícia de dois pesquisadores de discos voadores, originários de Vitória/ ES, que foram encontrados mortos, em um morro em Niterói, cada um com uma máscara de chumbo nos olhos. E ele se interrogou qual seria o procedimento de seus homens, todos armados, se descesse alguma coisa dos céus. Concluiu, naquela hora, que o grupo precisava de assessor com habilidade suficiente para liderar em momentos de necessidade. Então, ele se lembrou de mim, sabia que eu estava em Brasília, me encontrou e me fez convite para participar do grupo. A duração seria de 6ª feira à domingo. Eu servia na Batalhão de Polícia do Exército, em Brasília. Estávamos de prontidão face à problemas políticos que ocorriam. Falei com o coronel, meu comandante, que foi comigo à casa do general comandante da área. O general, em princípio, recusou a autorizar. Depois, face aos argumentos que apresentei, inclusive o fato de o exército não estar presente em momento tão sério, mudou de ideia e telefonou para seu oficial de Inteligência e informações (E/2) e perguntou a ele se poderia me receber ainda naquela noite. O general disse que a decisão final caberia ao coronel Cássio. Fui, desta vez sozinho, à casa do coronel Cássio (E2). Depois de me ouvir, pediu o número do telefone do Praxedes, ligou e conversou por algum tempo. Ao desligar, ele me disse que a única pena é que ele próprio não poderia ir. Mas



que eu iria representando o Exército, à serviço, com um jeep e motorista à minha disposição.

E lá fui eu. O grupo instalou antenas e equipamentos, de forma inteligente e contávamos com um resultado positivo. Após duas noites de atenta vigília e um dia com direito a banho de rio, nada...! Absolutamente nada foi registrado...

A decepção foi geral. Afinal, pensei eu, eles – o DVs – não aparecem quando e onde a gente deseja... A Globo se retirou e manteve silêncio. Eu, no entanto, aprendi o caminho. Fiz contato com o proprietário e eu, cerca de duas semanas depois, levei alguns companheiros do Grupo de Pesquisas Parapsicológicas de Brasília ao local, para uma vigília. Não deu outra. O que assistimos me fez confirmar o que eu pensava, ou seja, eles aparecem quando e onde desejam. Estava dada a partida às pesquisas ufológicas na fazenda Rio D'Ouro.

Falei ao meu pai, por telefone, ele morava em Niterói e estava de mudança definitiva para Brasília. Ele chegou e o apresentei na primeira reunião do Grupo de Pesquisas Parapsicológicas da capital e, no fim de semana seguinte, fomos à fazenda. Era costume do grupo, apesar de avisar ao proprietário da nossa ida, quando chegar à cancela, que havia sido retirado o cadeado, dar tiros para cima, para informar o Wilson Gusmão da nossa chegada, para que ele preparasse o café. Meu pai não gostou nem pouquinho dessa atitude – mas não disse nada – apesar de entender que o pessoal fosse armado por conta dos animais ferozes, como já disse. Tudo bem. Descemos, apresentamos meu pai, tomamos o café e, de repente, na hora de sair para a pesquisa, procuramos por meu pai... Havia sumido. Ficamos preocupados porque ele não conhecia os arredores da casa que não tinha luz elétrica, só querosene e

era isolada. Ele não tinha arma ou lanterna, nem fósforo, nem isqueiro – porque não fumava. Fui até a porta gritei por várias vezes: “Pai!”. E nada! Passamos por essa agonia uns 15 a 20 minutos, até que ele apareceu. Um tanto emocionado e encaulado, conforme descreve no capítulo XI de seu livro “Uma Busca da Verdade”. Em síntese, ele teve uma vivência com seu Mestre que assim resumiu: *“Começa naquele instante, solenemente declaro, uma nova fase da minha vida em termos de pesquisa e de provas espirituais inesperadas, extraordinárias, que acabaram mudando o meu caminho!”*.

Em poucos dias ele assumiu a presidência do Grupo de Pesquisas Parapsicológicas de Brasília e, na primeira ida à fazenda, ele mudou a sistemática da chegada, pedindo a todas para descerem dos carros, darem-se as mãos para que ele conduzisse uma “sintonia” com os seres que, já tinha certeza, possuíam conexões com a Grande Fraternidade Branca:

“Oh! Divino Mistério! Oh! Divino Mistério! Oh! Divino Mistério! Oh! Divina comunhão de Seres e Humanidades distantes que se encontram!”. De imediato a resposta vinha em forma fenômenos luminosos. Estávamos, pois, preparados para descer, tomar o café do Gusmão e subir para os locais de pesquisa.

Eu o acompanhei nessas pesquisas durante os anos de 1968, 1969 e 1970. No início eu tinha pena da Regina, porque todo o sábado, em torno das 17:00 hs eu ia dirigindo o carro de meu pai para fazenda, acompanhado por ele e, às vezes, minha mãe. O restante da turma ia nos seus carros. Meu pai formou um grupo fixo de sete pessoas, e convidava outras cinco, que demonstrassem sensibilidade e desejo de ver os fenômenos. Aí pelas 01:30 hs do domingo, iniciávamos nossa volta, que durava cerca de uma hora e quarenta minutos. A fazenda ficava distante de Alexânia, uns 22 Km. Algumas vezes, de madrugada, chegava para meu pai e mostrava o relógio para fazê-lo compreender que estava na hora de voltar. Pois bem, ele respondia no modo gozado que só ele tinha: “Ah é? O capitãozinho está cansadinho, é? Então vamos subir mais aquela colina ali, e vamos embora!”.



No final do ano de 1969, meu pai comprou uma chácara em Alexânia, onde ele ia passar os fins de semana, com minha mãe e facilitava, demais, as idas à fazenda. Nós batizamos de “Cantinho da Voíta”. As crianças adoravam ir lá. Eu fiz uma canção, cuja

letra já consta no Capítulo VI: *“Hoje é sexta feira, pega a trilha e vai...”*. Também fiz uma canção para o Rio Morya, que consta do mesmo capítulo VI.

Enfim, como diziam os mais jovens, “era um barato”. Meu pai sempre foi apaixonado por banho de rio. Desde pequeno. Agora, com o seu Rio Morya, que ele mandou colocar umas pedras fazendo uma cachoeira, ficou mais legal ainda. Por mais de duas vezes, eu me lembro, mamãe chegou na porta da casa e gritava: “Moacyr! Vem almoçar!”. E ele não ouvia. Então, eu ia lá no rio e ele estava abraçado com pedras na cachoeira e a cabeça mergulhada na água que caía. Eu entrava no rio, dava uma pancadinha nas suas costas, até ele levantar a cabeça e me ouvir. Sempre repetia o mesmo motivo. *“Meu filho, eu estava em sintonia com a Alma das Pedras. Estava mergulhando para dentro de mim mesmo, até sentir o Espírito, vindo da densidade das rochas, do paralelepípedo das ruas ou da poeira das estradas e das areias oceânicas, por dentro da vida, até a Alma do Sóis, das Estrelas e das Galáxias...!”*

Na verdade, as pesquisas ufológicas na fazenda Rio D’Ouro – ou Chapadinha, ficaram muito mais fáceis para todos nós, da família, após a compra da chácara em Alexânia.

Os fenômenos iam se intensificando e eu não vou descrevê-los aqui, porque estão todos nos livros de meu pai: *A Parapsicologia e os Discos Voadores, Mergulho no Hiperespaço, Cristo Para a Humanidade de Hoje e Uma Busca da Verdade*. Todos esses livros, mais o Além da Parapsicologia, por estarem esgotados, eu conduzi a reedição e apresentarei os dados para

aquisição, mais à frente. Um assunto que sempre toquei com meu pai – e ele concordava comigo – era que na fase anterior às pesquisas ufológicas, no tempo somente da parapsicologia ou da meta-psíquica – que ele gostava de chamar de “espiritismo científico”- na verdade ele estava sendo preparado para liderar esse grande salto. Com sua formação científica e os pés no chão com que tratava as pesquisas de então, ele foi aprendendo, em ambiente fechado, o que passou a ver em campo aberto. Dos seus companheiros frequentes – e com sensibilidade parapsicológica – estavam, dentre outros, o amigo Adelino Rosa e o proprietário da fazenda, o Wilson Gusmão. Como disse acima, ele tinha muito orgulho de sua sólida formação científica, porém, dizia, nada o impedia de levantar a cabeça e contemplar as estrelas, dizendo que os sóis e as estrelas não foram feitos para embelezar a noite dos homens. Foi nessa época que me inspirei e escrevi um artigo que intitulei “Claustrofobia Cósmica” o qual foi publicado na Revista *O Rosacruz*, de outubro de 1986. (veja o artigo completo nas páginas seguintes).

CLAUSTROFOBIA CÓSMICA

Um Receio do Homem do Futuro?

Por Paulo Roberto Y. de Miranda Uchoa, F.R.C.

"No Universo não há obstáculos para o Homem. Há leis."

A Astronomia informa que a estrela mais próxima da Terra é a Alfa, da constelação do Centauro, distante de nós cerca de 4,3 anos-luz, ou seja, a "bagatela" de 40.681.440.000.000 quilômetros. Por outro lado, recentes resultados da moderna rádio-astronomia nos dão conta de que estamos recebendo, agora, sinais luminosos de astro que se encontra afastado de nosso globo nada mais nada menos do que a estonteante marca de 22 bilhões de anos-luz.

Por sua vez, Albert Einstein afirmou que o homem jamais atingirá a velocidade da luz, pois, na medida em que uma nave se aproximasse dos 300.000km/seg, se transformaria em energia, o que, certamente, se constituiu num fator impeditivo para qualquer tentativa de deslocamento de naves tripuladas a essas velocidades.

Então, seria o caso de concluímos que, um dia, num futuro talvez não muito distante, tendo o homem conquistado todos os planetas de seu Sistema Solar, passará a contemplar o espaço Cósmico exterior, amargurado por ter que se conformar em *apenas* contemplá-lo, uma vez que qualquer tentativa de se aventurar em suas profundezas, em busca de "conquistar" outros planetas longínquos, lhe tomaria um mínimo de centenas de anos, já que sua velocidade seria lenta, inferior à da luz, em obediência ao pensamento de um grande cientista do século XX.

Paradoxalmente, o homem, que se considera a expressão máxima da inteligência consciente manifestada no Universo, seria um prisioneiro em seu próprio Sistema Solar.

Sem, nem de leve, insinuar crítica ou discordância quanto à exatidão das conclusões a que chegou o gênio de Einstein, ao qual, em reverência, rendemos a mais justa homenagem, vale a pena lembrar que essa sua teoria continua — e, pensamos, continuará sempre — extremamente válida e correta quando aplicada ao universo para o qual foi elaborada: o universo do espaço tridimensional.

As leis e princípios que conduzem à velocidade da luz, e que dela derivam, estão consagrados pela ciência e nos parece ser muito difícil tecer quaisquer considerações que os contrariem. Entretanto, essas leis e princípios informam o que se passa no *contínuo espaço-tempo* em que vive o homem da ciência clássica, ou seja, um universo limitado em três dimensões de espaço e uma de tempo.

Acontece que o próprio Einstein foi além quando lançou sua *Teoria do Espaço Curvo*, melhor entendida por um exemplo grosseiro de que esse mesmo cientista se valia. Dizia ele: "Se tivéssemos uma lanterna elétrica, dotada de infinito e inesgotável poder, e pudéssemos acendê-la e apontá-la para o céu, apoiando o nosso braço em uma forquilha, permanecendo nessa posição por milhões de anos, um dia, com certeza, iluminaríamos as nossas costas."

Com esse exemplo, Einstein quis dizer que a luz não caminha em linha reta e que o espaço onde ela se desloca — e onde nós sentimos viver — é curvo.

Em síntese, podemos concluir que, no universo em que habitualmente nos situamos, a verdadeira me-

nor distância entre dois pontos *não* é a linha que conceituamos de reta, uma vez que esta, como a luz, inexoravelmente descreverá uma curva.

Que pode um estudante Rosacruz inferir de tudo o que até agora foi dito? Para responder, prosseguindo com nosso raciocínio lógico e desembaraçado de quaisquer preconceitos, vamos procurar organizar as idéias para nos posicionarmos sobre se o homem virá, ou não, a sentir claustrofobia por julgar-se enclausurado, para todo o sempre, em seu próprio Sistema, impedido de levar sua presença física aos espaços exteriores, amargando o destino que lhe acena, unicamente, com o contentar-se em contemplar a vastidão Cósmica.

Para isso, faz-se necessário abor-darmos, com alguma profundidade, dois conceitos fundamentais: *tempo* e *espaço*.

Na verdade, os ensinamentos de nossas monografias nos dão conta de que o tempo não existe como uma entidade física. Em outras palavras, aprendemos que o tempo é uma medida de duração da consciência, uma condição imposta por nossa mente objetiva para comparar e relacionar eventos, também objetivos, quanto à sucessividade de sua consecução.

Como já dissemos, a ciência dos homens estabeleceu que vivemos em um universo tetradimensional constituído de três dimensões de espaço e uma de tempo. *Comprimento, largura e altura* são condições indispensáveis para que um objeto se torne perceptível aos nossos sentidos físicos, enquanto a consciência necessita de

um mínimo de *tempo* para se dar conta desse mesmo objeto. É o *contínuo espaço-tempo* em que se acha inserido o homem com sua consciência objetiva do universo manifestado. Por convenção, essa fração de tempo está relacionada, ou melhor, vinculada aos movimentos de rotação e translação do minúsculo globo terrestre que nos serve de "habitat".

O relógio foi inventado para marcar a duração em que a Terra realiza uma volta completa em torno de seu eixo. Estipulou-se chamar *dia* a esse período que, dividido por 24, deu origem à *hora*, que originou os minutos, os segundos, os décimos de segundo e assim por diante. Em 365 *dias* a Terra descreve uma elíptica completa em torno do Sol, ao que convencionou-se chamar *ano*. Assim, a humanidade subordinou-se à Terra, ao Sol e ao relógio, para contar os seus fenômenos, a sua vida, a sua história.

Não é difícil, para a mente lógica, deduzir que é absolutamente imprescindível a existência de um ponto de referência para que se possa absorver essa noção conceitual de tempo. Que dizer, então, do viajante espacial, habitante dos espaços interestelares, onde o local que ocupa no infinito não lhe proporciona qualquer ponto de referência de que se considere dependente, para que possa utilizá-lo na aferição do tempo por sua mente objetiva? Daí concluímos que no espaço cósmico não existem o ano, a hora, o minuto, o segundo ou os séculos, nem qualquer outra forma material que permita a marcação do tempo, o qual deixaria de existir, para ser entendido como no dizer de Platão: "*O Tempo é a imagem móvel da imóvel Eternidade.*"

Por esse raciocínio, somos levados a depreender que aquilo que chamamos de tempo existe, é conceituado e tem influência marcante sobre nós *unicamente* quando relacionado com o espaço tridimensional. Se assim é, algo de diferente, com respeito ao entendimento do tempo, deverá ocorrer quando o ambiente espacial a que se refere incluir uma outra dimensão, ou seja, uma *quarta dimensão de espaço*. É chegado, pois, o momento de analisarmos esse aspecto. Para isso,

voltemos à Teoria do Espaço Curvo de Einstein e ao seu exemplo da lanterna que, apontada para o céu, um dia iluminaria as nossas costas. Partindo desse exemplo, ocorre-nos uma analogia. Suponhamos que vamos fazer uma viagem de avião, do Brasil ao Japão, utilizando-nos do percurso mais curto, ou seja, a *linha reta*. Ao chegarmos ao Japão, se não tivéssemos os conhecimentos de que hoje dispomos, poderíamos jurar que teríamos viajado em linha reta e que realmente nos teríamos deslocado cumprindo o caminho de menor distância entre os dois países. Entretanto, qualquer criança poderia nos dizer que teríamos descrito uma curva e que, na verdade, a menor distância até o Japão seria através de um *buraco* que cavássemos no chão, atravessando, agora sim, em linha reta, o globo terrestre.

Utilizando-nos de um outro exemplo, perguntémos a um experimentado comandante de marinha, acostumado à navegação de longo curso, se, para ele, a rota mais curta entre determinados pontos separados apenas pelo mar é a linha reta. Certamente, ele nos responderá que não, pois, por exemplo, a rota pelo equador, apesar de aparentemente reta para quem se encontra a bordo, é a mais longa de todas. É preferível seguir uma "rota em trapézio", aproveitando os conhecimentos sobre a curvatura da Terra, seus meridianos e paralelos.

Há, ainda, o caso da formiga colocada sobre uma laranja, que se utiliza do caminho mais curto para atingir o torrão de açúcar que colocamos no lado oposto. Se ela encontrasse um "buraco" na laranja, certamente chegaria ao seu destino em menos tempo e percorrendo menos espaço.

O buraco na laranja para a formiga atingir o torrão de açúcar é o buraco na Terra para chegarmos ao Japão, são exemplos que ilustram a posição de alguns renomados cientistas de hoje, seguidores de Einstein e que trabalham no desenvolvimento de sua "Teoria do Espaço Curvo". Para eles, basta que encontremos os *buracos no espaço* para que cheguemos a Alfa de Centauro mais rapidamente, sem imitarmos a luz e a formiga, que perdem tempo deslocando-se em curva.

Encontrados esses "buracos", através deles viajaríamos em um *tempo diferente*, já que nos deslocaríamos em uma *quarta dimensão do espaço*, isto é, fora, ou para além daquelas três dimensões que nos são habitualmente condicionantes. Durante o trajeto estaríamos no ambiente do "hiper-espaço", segundo a terminologia adotada por diversos cientistas e pesquisadores do ramo. E através dele talvez chegássemos a Alfa de Centauro em poucos minutos. Essa é a grande esperança contra a ameaça de "claustrofobia" que parece assustar o homem do futuro.

No Universo não há obstáculos para o homem. Há leis. Algumas já conhecidas e utilizadas por ele. Outras que esperam ser descobertas. Outras há, ainda, que, para serem intuídas, impõem que o homem se eleve a níveis onde deverá colocar em ação outras faculdades de mente e consciência, até agora fora do alcance de seu atual grau de desenvolvimento.

O estágio em que nos encontramos exige que estejamos integrados na conceituação tradicional de tempo e espaço, para vivermos, no aqui e agora, como seres viventes de uma humanidade encarnada em um dos astros selecionados pelo Cósmico para apresentar as condições necessárias à manifestação da vida. Por isso, enquanto dependermos do mundo dito material, devemos portar um bom e preciso relógio para exercermos a virtude da pontualidade e praticarmos nossas ações de acordo com o saudável princípio do planejamento.

Felizmente, a Ordem Rosacruz nos abre os horizontes que nos permitem antever o futuro sob um prisma de otimismo crescente, na medida em que vamos expandindo nossa consciência em direção à *compreensão e ao domínio* das leis mais elevadas que governam este ou esses universos, em cujas profundezas estaremos presentes um dia, como que para incrementar e continuar participando da Grande Obra que ajudamos a criar, já que somos um segmento da Alma, da Consciência e da Mente do Grande Arquiteto. Δ

Paulo Roberto Y. de Miranda Uchoa
F.R.C.

Meu pai costumava realizar, todas as 5^a feiras, em sua residência, uma reunião de estudos, com a família e alguns amigos, ao redor da mesa da sala jantar. Nós íamos sempre que estávamos em Brasília. Líamos livros como “Harpas Eternas”, e outros, sempre ligados à Teosofia, algumas passagens da Bíblia, que interpretávamos, etc. Resolvi falar dessas reuniões, nessa monografia, porque me lembrei de um fato, por demais interessante, que ele relata em seu livro: “Além da Parapsicologia”.

Certa vez ele foi à casa de um amigo, figura de destaque no Exército (reformado) e, também, na política de Niterói/RJ, que lhe pediu para conversar com sua esposa que, fazia tempo, estava tendo um certo desequilíbrio psíquico e que médico algum acertara um diagnóstico. Meu pai foi à casa desse amigo e, ao cumprimentar sua esposa, disse que gostaria que o casal comparecesse, nas reuniões de 5^a feira, de estudos, e que o aspecto religioso “não tinha importância”. Respondeu a mulher em tom agressivo: “Como não tem importância? Então o senhor vem aqui dizer que não tem importância? Eu amo muito minha filha e não vai ser qualquer um que vai me afastar dela!”. O marido ficou atônito. Falou que o pai dela morrera, coincidentemente, com o início do desequilíbrio. Meu pai “conversou” muito com o tal progenitor e o convenceu que sua presença, daquela forma, estava prejudicando a filha... O desenrolar disso, foi que a mulher ficou boa. Este caso está descrito, em detalhes, por meu pai, no capítulo V de seu livro “Além da Parapsicologia”.

Em maio de 1986, eu já havia deixado a Presidência da República, mas mantinha contatos com alguns amigos no gabinete do Ministro da Aeronáutica, quando aconteceu o famoso caso de ufologia que colocou o Brasil nas primeiras páginas dos jornais. O próprio presidente da Petrobrás, à época, Ozires Silva, quando chegando à São José dos Campos, vindo de Brasília, momentos antes do pouso do avião Xingu – que o transportava – avistou 3 (três) objetos voadores não identificados. O CINDACTA (Centro Integrado de Defesa Aérea e do Controle do Tráfego Aéreo) foi acionado. Das Bases Aéreas de Santa Cruz e de Anápolis, decolaram caças supersônicos F-5E e Mirage III, com a missão de identificar os objetos, cujo número foi

ampliado para 21 (vinte e um). Os objetos se dirigiram para o oceano e, passados alguns minutos, os caças receberam ordens de retornar, tendo em vista o perigo de faltar combustível e perderem a autonomia de voo. O Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Moreira Lima, declarou que estava abrindo um inquérito que, tão logo terminado, a conclusão seria difundida.... Até hoje, nada! Eu, pelo meu lado, graças a um coronel, do gabinete, muito meu amigo – que não vou citar o nome – me disse, em “off”, o porquê de o resultado não ter sido divulgado. Foi constatado, pelos radares dos caças, que os objetos se deslocavam na “mesmíssima” velocidade daquela dos que os perseguiam. Ou seja, quando o caça diminuía a velocidade da perseguição, os objetos também diminuía, na mesma proporção. A mesma coisa acontecia quando aumentavam a velocidade. Isso significaria que todos os OVNI mantinham uma mesma distância de seus perseguidores, como se fosse “perigoso” diminuir essas distâncias. Em outras palavras, possuíam uma tecnologia avançadíssima e eram conduzidos por inteligência muito acima da humana. Por razão de não terem resposta para essa hipótese confirmada, que poderia trazer pânico à população, decidiu-se pelo silêncio. O que permanece até hoje. Aliás, existem algumas instituições, inclusive no Brasil, que insistem em dizer que as Forças Armadas “escondem” informações, quando se trata de UFOs.

Por oportuno, isso me faz lembrar o famoso filme “Contatos Imediatos de Terceiro Grau”, de Steven Spielberg, de 1977. A trama se desenrola em fatos levantados por J. Allen Hynek, conhecido por ser o responsável pelo “blue book” que é o catálogo de fatos, sobre OVNI (UFO) que não foram desmentidos. O roteirista do filme pegou alguns fatos, orientado por Hynek, e os ligou, artificialmente, dentro de sua trama romanceada. Tudo se passa nos EUA. O único fato que é inteiramente ficção, é o final do filme, quando uma operação militar gigantesca, com o emprego das forças armadas americanas, é desencadeada no interior dos EUA. Dessa operação, para o pouso de uma grande nave interplanetária, constava a coordenação e controle da evacuação da população de um vasto território. Pois bem, causou-me estranheza ao perceber que toda essa operação era

coordenada por um francês. Isso me deixou perplexo. A explicação, eu soube, era uma homenagem à França que foi o primeiro país a reconhecer, oficialmente e de público, que os fenômenos na fronteira daquele país com a Bélgica, no início da década de 1970, tratavam-se de *“objetos voadores, pilotados ou não, mas, com certeza, dispendo de uma tecnologia muito superior à conhecida”*, até aquela época.

Outro fato ufológico muito conhecido no Brasil, é a chamada “Operação Prato”, que teve lugar no município de Colares/PA, na área de responsabilidade do I Comando Aéreo Regional (I COMAR). Os fenômenos ocorreram no final do ano 1977. A revista UFO, no Brasil, com a qual eu mantinha contato, havia me falado que a Aeronáutica não havia liberado relatório sobre a Operação Prato. Então, em 2012 marquei audiência com o meu amigo Comandante da Aeronáutica, tenente brigadeiro Juniti Saito, que me recebeu em seu gabinete, acompanhado do chefe do Estado Maior da Aeronáutica. Conversamos muito sobre ufologia e, no final, eles decidiram liberar os documentos. Pedi duas cópias. Uma, guardei para mim e a outra levei, pessoalmente, à Revista UFO e a entreguei ao Gevaerd, seu responsável, quando fui fazer uma palestra no IV Fórum Mundial de Ufologia (II UFOZ), em 2013, em Foz do Iguaçu. Aliás, por falar nos Fóruns Mundiais patrocinados pela Revista UFO, eu mesmo participei de dois. O primeiro, I UFOZ, 2012, quando fiz uma palestra sobre o “Legado de Alfredo Moacyr Uchôa para Ufologia”. O segundo, II UFOZ, 2013, onde apresentei o tema “Evidências de Ciência Avançada e Alta Espiritualidade dos Seres Extraterrestres Pesquisados na Região de Alexânia/GO”.

Minha mãe, nas pesquisas de campo, portava sempre o seu gravador portátil, onde gravava as mensagens telepáticas de meu pai, e as respectivas respostas dos seres, que meu pai reproduzia com a própria voz. Quando ele já tinha escrito a Parapsicologia e os Discos Voadores, portanto já tendo visto e comprovado fatos o mais que suficiente para escrever esse livro, uma determinada noite, um membro do grupo, na sua primeira vez, pede uma comprovação dos “visitantes”. Meu pai, então pediu, telepaticamente que seu companheiro tivesse um tipo de comprovação. Na resposta (pela própria voz de meu pai) ele

levou uma bronca dos seres contatados, recomendando que ele não precisava mais de provas. Meu pai replicou que precisava, sim, de provas, para não ficar ali, como um “velho gagá”, falando consigo mesmo, levando pessoas sérias a acreditarem que estavam em contato com seres interplanetários. E acrescentou, decidido, apontando em frente, baixando a cabeça e falando que se não fosse dada uma prova de suas presenças, ali e agora, que ele não voltaria mais à fazenda. Na gravação ouve-se os gritinhos de mamãe dizendo: “Moacyr, levanta a cabeça. As provas que pediu estão acontecendo! Levanta a cabeça!”. E ele continuou de cabeça baixa, sem ver os fenômenos. Quando terminaram, exclamou: “Estou emocionalmente satisfeito! E aqui prometo, pela minha honra, jamais pedir uma prova sequer!”. Isso teve uma importante consequência nas suas pesquisas. É que ele, de certa forma, bloqueava muitas informações por considerá-las sem pé nem cabeça. A consequência imediata foi que ele desbloqueou por completo. Foi daí que começou a surgir seu fantástico livro: “Mergulho no Hiperespaço”!

No início de 1971, eu tive de me afastar de Brasília, para atender ao curso de aperfeiçoamento de oficiais, obrigatório. Passaria 3 (três) anos fora. Só voltaria em 1974. Mas, com certeza, viria nas férias. Mesmo assim, acompanharia de longe o que se passava na Capital.

Em 1979, às vésperas do I Congresso Internacional de Ufologia promovido por meu pai, em Brasília, ele concedeu uma entrevista, em sua residência, ao jornalista norte-americano Bob Pratt. Tempos depois, esse jornalista descobriu o telefone de minha filha, Denise, nos EUA, e os dois mantiveram um bom contato pela internet, inclusive uma entrevista com Denise, que Bob Pratt publicou em seu site. Esse jornalista era, também, amigo de Robert Biglow, proprietário de uma das maiores empresas aeroespaciais dos EUA. Passam-se os anos e num belo dia de 2010, Denise recebeu um telefonema do chefe de gabinete do Biglow, que tinha sede em Las Vegas/ Nevada, convidando Denise para almoçar, no próximo sábado, com seu chefe, que estaria em Washington, DC, à serviço da Empresa. Ele falou que Mr. Biglow tinha muito interesse em conversar sobre o general Alfredo Moacyr Uchôa, e seu legado para a ufo-

logia. Ele disse que soube de Denise pelo seu velho amigo Bob Pratt. Denise respondeu-lhe que eu estava lá, de férias. Biglow, então, convidou os dois. Denise morava, na ocasião, em Virgínia Beach. Fomos nós dois no carro dela, até o aeroporto de Norfolk, onde embarcamos no jatinho da empresa Biglows Aerospace. Detalhe, o piloto e o copiloto eram oficiais da reserva da força aérea dos EUA. Chegamos na capital, Washington DC, e nos esperava uma limusine que eu não tinha visto igual nem em cinema.

Chegamos ao Hotel, muito chique, onde estavam nos esperando o Biglow e seu staff. Eram cerca de 15 pessoas. Sentamos numa mesa comprida, eu no meio, de um lado e o Biglow defronte a mim, do outro. Denise sentou ao meu lado. Sobre o almoço, em si, não vou falar. Apenas o papo. Começamos nos apresentando e ele falando sobre si mesmo, sobre o interesse pela parapsicologia e pela ufologia, destacando que fazia parte do conselho consultivo da Universidade de Duke, famosa pelo Dr Rhine, sobre quem já falei. De minha parte, comecei com minha participação, ao 7 (sete) anos de idade, da primeira sessão de materialização, que já descrevi anteriormente. A conversa durou cerca de duas horas e meia. Entre outras coisas, Biglow me disse que a NASA não aceitava parcerias com empresas particulares. Por esse motivo, sua empresa, que já tinha vários satélites em órbita terrestre – inclusive utilizados pelos cosmonautas da NASA – teve que apelar e pagar por foguetes russos, para colocá-los em órbita. Só sei que a conversa agradou a todos e a mim, que mantive contatos posteriores com membros da equipe do Biglow, inclusive com a vinda de dois deles à Brasília que vieram em missão e almoçaram comigo em um restaurante, na companhia da filha Liane. Mantivemos contato por um tempo, até que a NASA passou a aceitar parcerias particulares, com destaque para o envio de missão tripulada à Marte. Nessa nova situação, Robert Biglow passou a não ter tempo para mais nada. No final, o que sobrou desse meu conhecimento muito positivo é o saber que, nessas missões espaciais levadas a efeito pela NASA, existem homens com a capacidade, sensibilidade e espiritualidade, como Robert Biglow.

CAPÍTULO XIX

A cura de paciente terminal com moléstia de Chagas por extraterrestres; Nossas palestras no MUFON;
A ação de seres alienígenas na condução de fenômenos de cura; No Cosmos o Desfile dos Astros;
V Fórum Mundial de Ufologia (2013)

Em 1973, quando eu estava ainda como instrutor na AMAN, em Resende, aconteceu um fato muito importante para nós, na família, ligado à jovem Bernadete Justiniano Gomes, empregada doméstica de meus pais, em Brasília/DF. Ela foi diagnosticada com moléstia de Chagas, à semelhança de outros membros de sua família – que faleceram desse mal – e meu pai conseguiu interná-la no Hospital das Forças Armadas (HFA), onde ela foi considerada como paciente terminal. Seu coração aumentava dia a dia e a água nos pulmões, também. Meu pai, desde há muito, ligado às curas paranormais, tentou de tudo, mas não obtivera o menor resultado. Em suas “sintonias” pediu aos seres interplanetários que fizessem alguma coisa que suavizasse o sofrimento da jovem. Em resposta, recebeu um comunicado telepático para levá-la, no próximo domingo, no Km x da estrada de Brasília para Unai, no horário “tal” e que ela deveria ficar sozinha, em um banquinho, e cumprisse o que lhe seria determinado. Como meu pai poderia falar disso com a direção do HFA. A solução foi dizer que, tendo em vista o estado grave da jovem, pediu que ela passasse o fim de semana em sua casa. Na manhã de 2ª feira ele a traria de volta. Foi atendido e informado que, na próxima 4ª feira, estava marcada uma punção para tirarem água dos pulmões e do coração da Bernadete. E ele a levou, naquela 6ª feira, para casa. No domingo à noite, um pouco antes da hora mencionada, levou-

-a ao local determinado. Meu pai explicou a ela que iria ficar sozinha, sentada no banquinho e que ele e as demais pessoas do grupo iriam ficar vendo-a, a uma distância de uns 8 ou 10 metros. E que ela cumprisse o que lhe seria determinado, no momento certo. E assim foi feito. Ela ficou sozinha, numa clareira. O grupo identificou uma luz diferente que surgiu no céu. Quando estavam discutindo se era uma estrela ou um avião, a luz foi baixando até ficar a uns 20 metros acima da cabeça da Bernadete. A partir daí, é ela quem conta. Disse ela que viu a luz acima de si e uma voz falar, dentro da sua cabeça (telepatia induzida!!!???) que eles queriam o seu bem e iriam ajudá-la. Começaram pedindo que ela levantasse o braço esquerdo. Ela obedeceu e sentiu uma picada bastante dolorosa no “sovaco”, seguida de outra no pescoço. Aí, a tal da voz disse, dentro da cabeça dela, que ela estava curada. Ia casar, ter filhos e netos...

E ela sabia que o laudo do Hospital dizia que ela era uma paciente terminal. Que a moléstia de Chagas não tinha cura e já havia atingido estágio muito avançado. Como combinado, meu pai levou-a de volta ao HFA na 2ª feira. Na 4ª feira, como previsto, ela foi levada para fazer as punções e, no primeiro momento, os médicos reclamaram que “trocaram o paciente”. Quatro dias depois, com os pulmões e o coração limpos, e do tamanho normais, ela teve alta do hospital, como curada. Isso foi em 1973. Hoje, 2021, a Bernadete nunca mais teve nada no coração, casou-se, é mãe de dois filhos e tem 5 (cinco) netos.

Entrevista de Bernadete a PRYMU sobre sua cura da moléstia de Chagas

<https://youtu.be/VZKFrXyAvl0>



Muitos anos depois, em 2010, minha filha Denise, que mora nos EUA desde 1990, recebeu um telefonema de uma Organização Não Governamental Internacional, chamada MUFON (Mutual UFO Network) convidando para ir à Los Angeles fazer uma palestra sobre o legado do seu avô (meu pai) para o Ufologia. Eu estava lá, nos EUA, de férias. Ela respondeu que quem sabia mais sobre Alfredo Moacyr era eu. Eles então me convidaram também. Nós teríamos, os dois, duas horas, sendo que meia hora era para debates. Combinamos que eualaria

sobre o legado de meu pai e minha filha falaria sobre o caso da cura por ETs, da Bernadete. O que facilitou é que eu, quando viajava para ver Denise sempre levava meu laptop e um HD externo, de 700 GB, com backup de quase tudo meu. Nesse caso, eu tinha a cópia do prontuário médico do HFA, cópia da entrevista de Bernadete comigo, e mais outros arquivos importantes sobre o assunto. E lá fomos nós dois de avião, da costa leste dos EUA, onde Denise morava, à Los Angeles, onde nossas palestras foram um sucesso, naquele sábado. Tanto que eles pediram – e nós concordamos – que repetíssemos nossas falas na cidade de Orange, ali perto, no dia seguinte, domingo, para atender a filiados do MUFON, que não puderam ir a Los Angeles. Fiquei muito satisfeito, porque o meu pai, tendo falecido em 1996 e, quatorze anos depois, estava sendo lembrado por uma ONG do porte da MUFON.

Aliás, sobre a ação de seres alienígenas na condução de fenômenos de cura, ditos paranormais, abaixo segue texto transcrito do livro de meu pai: “O Transcendental – Curas e Fenômenos”.



“O planeta em que vivemos não é apenas o que vemos e sabemos de nossas bibliotecas, mas esferas concêntricas de vários graus de sutilização da própria matéria: física, etérica, astral, mental e ainda de luz superior, todas interpenetradas. A cada átomo básico ou quantum de energia de cada uma dessas esferas corresponde, por íntima e verdadeira magia divina, átomo básico ou quantum de energia, de cada uma das outras esferas ou espaços...

ou dimensões. Sendo assim, o homem, cada um de nós, possui matéria ou energia de cada um desses níveis, que constituem a íntima estrutura humana. Daí dizer Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses”.

Então, a enfermidade, ou desequilíbrio energético, quando surge em quaisquer desses níveis, repercute nos demais. A atuação da mente sobre a matéria ou energia de qualquer nível, chega ao físico e pode reequilibrar, curar!”

Considero importante, reproduzir, aqui, uma citação de meu pai:

“O homem é um complexo de veículos sendo que a enfermidade pode se localizar em qualquer deles, não necessariamente no veículo físico!”

IV Fórum Mundial de Ufologia –2012: O Legado de A Moacyr Uchôa Para A Ufologia – palestra de Paulo Uchôa

http://youtu.be/PLgxvmo-ZhE



Regina, pela sua fé e determinação em ajudar, meu pai a convidava para participar de reuniões de cura, desde que estivéssemos morando em Brasília. Abaixo destaco uma dessas reuniões, redigida pela própria Regina, a que chamou de “O caso do tumor na cabeça da garota”.

“Mais uma vez fui convocada para uma reunião de cura pelo meu sogro, general Alfredo Moacyr Uchoa, para o caso de uma pessoa em estado crítico por conta de um tumor inoperável no cérebro. Ela era uma moça bem jovem, em torno dos 16 anos, acompanhada da mãe. Estava hospedada na casa de um professor, amigo da mãe dela, que a trouxe a Brasília em busca de uma cura intermediada pelo general Uchôa. Começamos o nosso trabalho com as orações iniciais feitas com muita fé, pelo general Uchôa, que nesse dia também estava acompanhado pela sua esposa Enita. Como sempre, sua respiração ficava alterada quando ele começava a entrar em sintonia com seus Mestres. Um pouco mais adiante, a respiração tornou-se bastante ofegante, como sempre acontecia, ultimamente, quando se aproximava um interplanetário que o ajudava nas curas. Para tornar as coisas mais surpreendentes, o interplanetário, que se dava o nome

de Yasha-Avi, pediu que a D Enita cantasse a Ave Maria. Ao começar o canto, a respiração do General se tornou ainda mais ofegante. Para também caracterizar sua presença, a paciente sentia dor física. Enquanto D Enita cantava, a jovem gemia de dor sem, entretanto, se mexer, obedecendo recomendações da entidade. O Trabalho durou em torno de uns 20 minutos e, com o general ainda estado mediúnico, foi dada a ordem no sentido de que aquela menina deveria permanecer deitada naquele sofá, por 24 horas, pois passara por uma grande cirurgia na cabeça. A mãe dormiu em um colchão no chão, ao lado da filha. Dias depois, o general ficou sabendo que a menina retornara ao Rio, onde morava, sem nenhuma dor de cabeça. Isso era quase que uma rotina na vida do general. Ele já se acostumara a ser intermediário dessas curas transcendentais.... Passam-se os anos e, numa viagem de avião do meu sogro, uma aeromoça bate no seu ombro e pergunta: “Está me conhecendo, general?”. A resposta foi negativa. A moça, então, acrescentou: “Eu sou aquela garota que o senhor operou um tumor na cabeça, na casa do professor fulano!” O tumor desaparecera e ninguém soubera explicar. Mas o fato é que ela, aquela jovem, era uma comissária de bordo (aeromoça), lépida e fagueira!”

Aqui, cabe uma observação. O mencionado interplanetário *Yasha-Avi*, meu pai o conheceu “a bordo de uma nave”, conforme descrito em seu livro “Mergulho no Hiperespaço”, capítulo 4.2. Devo acrescentar que, em seus livros, ele costuma colocar “citações” de pessoas célebres. Pois bem, nesse livro, “Mergulho no Hiperespaço”, logo no início, após as dedicatórias, meu pai coloca uma citação de *Yasha-Avi*, que é a seguinte:

“Se, até agora, a Ciência tem sido conduzida pela experiência externa e pela razão, d’ora em diante, além desse processo, há que progredir e completar-se pela experiência interna, decorrente de percepções superiores, evidenciadas em níveis mais profundos do próprio ser, em cuja interioridade se encontra a consciência humana em contínuo enriquecimento e expansão.”

Yasha-Avi

Em 1973, quando meu pai estava escrevendo seu livro “A Parapsicologia e os Discos Voadores” me inspirei e compus o poema abaixo, que está publicado no livro:

No Cosmos, o desfile dos Astros

*Nas moradas humanas é tudo repouso.
Cai a noite. O silêncio reinou sobre a Terra.
Se volvermos os olhos aos céus infinitos
Um luzeiro incontável, sem véu, se descerra.
Vemos astros e sóis flamejantes nos céus
Que seguidos por seus radiosos planetas
Rodopiam aos milhões nos profundos do espaço
Em desfile solene... Infinita ampulheta...*

*Busca em vão o telescópio em ronda nos céus
Um limite qualquer na amplidão do Universo.
Sucedendo-se aos mundos, são sempre mais mundos.
Sucedendo-se aos sóis, outros sóis são dispersos.*

*Multiplicam-se os astros em mil legiões
A tal ponto de se confundirem no espaço
Qual poeira brilhante no abismo infindável
Deste Cosmos que é Mãe a embalar no regaço...*

*Que recursos humanos usar pra expressar
Estes maravilhosos diamantes celestes?
Vinte vezes maior que o meu sol, lá está Sirius!
O meu sol? Um milhão vale em globos terrestres!...*

*Aldebaran, Procyon, Vega, Antares, Capela,
Sóis rosados, azuis, escarlates, dourados,
Sóis de opala e safira, vós que derramais
Na amplidão vossos raios de luz colorados;
Que fluindo a setenta mil léguas/segundo,
Sem barreiras, no vácuo, em mergulho profundo,
Só nos chegam milhares de anos depois...
Quanto a vós, nebulosas longínquas, quem sois? ...*

*Ob! Galáxias, sóis, Universos, estrelas,
Vós que sois focos-luz de calor deslumbrante,
Que expandis energia de vida e poder,
Portentosas esferas imensas, brilhantes...
E vós, povos sem conta, raças siderais,
Seres, humanidades, que lá têm morada?
Nossa voz, muito fraca, proclama em vão
Todo o vosso esplendor numa noite estrelada...*

*Impotentes na voz, só nos resta o olhar
Que, em fascínio, em êxtase quase indizível,
Se integrando à harmonia solene do Cosmos,
O DESFILE DOS ASTROS contempla impassível...*



No Cosmos, o Desfile dos Astros

<http://youtu.be/kKXbyMhjThs>

Em 2013, participei, em Foz do Iguaçu, do V Fórum Mundial de Ufologia. Apresentei palestra com foco na Avançada Ciência e Espiritualidade dos seres extraterrestres pesquisados em Alexânia, por meu pai.



V Fórum Mundial de Ufologia – 2013:
A Avançada Ciência e Espiritualidade
dos Seres Extraterrestres Pesquisados
em Alexânia/GO

<http://youtu.be/Dm0RCaI-Y30>

CAPÍTULO XX
Algumas citações e conclusões resultantes
dos estudos, experiências e pesquisas do general
Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa

· “A fuga do fenômeno pela impossibilidade de trazê-lo ao entendimento das leis vigentes faz com que o preconceito científico se torne um freio à evolução da própria ciência.”

· “A diferença entre os cientistas e os grandes místicos consagrados é que, esses últimos, são sábios que alcançaram o conhecimento superior – posto que apreendem a realidade através das faculdades que desenvolveram muito além das normais.”

· “Hoje as religiões intuem, a ciência começa a mostrar e os grandes instrutores ensinam que o homem possui uma potencialidade incrível, supostamente para ser desenvolvida com o tempo.”

· “A onda de vida do Poder Criador trouxe à realidade os minerais, os vegetais, os protozoários, os seres primários, o homem primitivo, uma Santa Thereza D’Ávila, um Mestre Jesus. Essa onda de vida divina está continuando a crescer e, naturalmente, conduzirá o homem ao infinito que ele tem a realizar.”

· “O homem é um complexo de veículos sendo que a enfermidade pode se localizar em qualquer deles, não necessariamente no veículo físico.”

· “A ação de seres alienígenas na condução de fenômenos de cura, ditos paranormais. “

· “A ampliação do Cosmos no sentido de sua profundidade maior, ainda não devassada pelo espírito científico humano, conducente a dimensões superiores, às quais oferece, à sua vista, um universo muito mais rico de formas, energia e vida, con-

ferindo ao homem um sentido bem novo da imensa dimensão da sua própria grandeza.”

· “Em verdade, nada disso se nos afigura absurdo (referindo-se às dimensões superiores da realidade), a não ser que queiramos impor as nossas próprias limitações à infinita riqueza da realidade universal.”

· “Urge organizar-se a ciência, rompendo as barreiras do preconceito, os quistos de pensamento estratificado ou congelado, que conserva e acarinha formas caducas do proceder científico, conduzido, dominado por crenças temerosas de outras perspectivas, outras luzes”.

· “Quem poderá limitar, por um ponto final à ascese do ser criado, no caso a criatura humana, que veio como impulso e vida dos abismos dos diferentes outros reinos da natureza, per-lustrando, já individualizada, sombrios caminhos no próprio seio da humanidade e, hoje, sensível às suas próprias intuições maiores, até se lança à conquista das estrelas?! Quem marcará esse ponto final? Quem?!...” (Além da Parapsicologia)

· “Cremos na contínua e gloriosa ascese da nossa humanidade a um destino maior, no amanhã da nossa civilização, quando o homem, além do conhecimento pleno do universo em extensão e profundidade, haverá, ainda, descoberto, penetrado, estudado e compreendido o universo moral em que também se contem, vivendo em plenitude seus mais nobres valores espirituais.” (Além da Parapsicologia)

· “Sempre aqui a pergunta. E a resposta? Que a deem os sábios ou os audazes! Quanto a nós... caminheiros da grande jornada, sem sabedoria e sem tônica de aventuras, recolhamo-nos esperançosos, confiantes e decididos, àquela vida interior onde silenciam os tumultos e onde o espírito procura elevar-se à suprema verdade.”

· “Apesar do avanço da física moderna e do fato indiscutível do fóton possuir massa, ainda está por ser demonstrada a identidade da luz e da matéria. Como luz é corpúsculo e é onda, o eletromagnetismo dos campos Inter atômicos é também corpúsculo e onda. Por isso, não será demasiado esperar que um dia se identifique e se prove a sabedoria do Gênesis, quando diz, depois de anunciar a criação do céu e da terra, achando-se

esta, porém, vazia e nua, cobrindo as trevas a face do abismo: Disse Deus: Faça-se a luz; e fez-se a luz”.

· “Diremos nós, agora, sem ofender muito ao espírito científico: Toda a matéria poder-se-ia resolver em luz? Ou, inversamente, a luz, confinando -se por interferências sucessivas que lhe abaixassem o potencial vibratório, não poderia constituir a razão de ser de toda matéria?!... O universo manifestado na forma, na matéria, haveria sido precedido pela luz, essência e expressão de um estágio anterior da Criação?”

· “Para além dessa energia luminosa ou do quanta dessa energia que se traduz na massa ínfima de um fóton, não estariam outros tipos de energia ou quanta dessa ou dessas energias condicionando a existência de corpúsculos ou elementos de natureza diferente da do fóton da luz física, mas que lhe possam analogicamente corresponder, apesar de participar de outro nível vibratório? Não poderiam esses elementos ou corpúsculos constituir-se na razão de ser da infraestrutura da matéria, agora característica de outro plano de existência, cuja realidade procuramos demonstrar e ao qual denominamos plano astral?”

· “Em não remoto futuro, a ciência demonstrará que toda matéria física provém do fóton e de corpúsculos ou quanta de um tipo de energia, seja luminosa, eletromagnética ou de natureza de radiação cósmica, etc, que são a raiz de toda manifestação de matéria, neste plano físico em que nos encontramos”. (ALÉM DA PARAPSIKOLOGIA – 1969 – Cap XII – Outra Perspectiva para o Problema das Dimensões Superiores) – Antecipação do prêmio Nobel de física / 2013.

· “Então, tenho um ensaio, um trabalho onde procuro explicar porque eles (ETs) têm formas análogas à humana, tanto que os chamamos de humanoides. É que eles se desenvolveram, aqui e acolá, segundo as mesmas leis e condições materiais do universo. A espectroscopia, a física espectroscópica, mostra que a matéria daqui é a matéria das estrelas; a energia daqui é a energia das estrelas. Logo... Aliás, nós vivemos em um universo que tem o condão de ser a expressão de uma unidade, que seria a Unidade Divina, numa multiplicidade infinita de manifestações. Ao que tudo indica, parece que existem leis

universais, princípios dominantes que governam toda a intimidade da matéria, da energia e da consciência em todo o universo. Então, nós avançamos por caminhos que não são iguais, mas são análogos. Daí a aproximação da forma sem haver a identidade. Isso não é a monotonia do idêntico, mas a beleza do análogo”.

· “Entre o ser e o cosmos, entre a criatura humana e o meio em que se contém, um fluxo efetivo de vibrações, de energias de toda ordem, está presente, abrangendo até características próprias de consciência, o que indicaria que a consciência, primeiro difusa, depois individual, se entrosasse com uma virtude consciencial maior, achando-se, pois, em expansão para, afinal, realizar o conhecimento pleno, verdadeiro, quando atingida a consciência cósmica, a Consciência Oceânica, Infinita, de Deus.”

· “Não é possível permanecer indiferente face a um fenômeno (UFOs), talvez o mais importante da história do Homem, um fenômeno que desafia a ciência atual porque ele, realmente, vai levar a uma transformação grande, como se fosse o alvo-recer de uma ciência nova que será – quem sabe? – a grande ciência do futuro milênio!!!”.

· “Temos que seguir em frente, na vanguarda dos acontecimentos que se nos vão apresentando em uma vivência de caminheiros de uma Jornada Cósmica, cujas origens se encontram, talvez, nos abismos da densidade maior da própria matéria, mas cujo fim se perde nas alturas infinitamente distantes que atraem o viajor incansável.”

· “O grande cientista alemão, Frederick Zollner, já em 1875 afirmava que “este espaço nosso não resolve o problema da realidade”, porque não havia condição, em qualquer hipótese, sob qualquer energia conhecida, nem por ventura a conhecer, que explicasse as coisas que ele e outros cientistas verificaram. Então, naquela época, ele criou a hipótese do HIPERESPAÇO. Uma hipótese mais avançada, ou seja, um ambiente espacial de outro nível, mais sutil.”

· “Albert Einstein, quando fala do espaço, ele diz que o espaço é sólido. Lemos, há pouco tempo, em um livro russo, pesquisa russa, na qual eles já estão isolando elementos de espaço.

E que matéria é essa que constitui o espaço? Então, o que nós dizemos é que a ciência está caminhando, quase certamente, para reconhecer o éter.”

· “O Einstein chegou a dizer que essa matéria do espaço é elástica. Se deforma pela presença da massa. Por exemplo: em face da massa do sol, da Terra ou de um astro qualquer, essa matéria do espaço se deforma e, depois, no processo de recomposição da forma, cria essa energia gravitacional, raiz de toda a energia manifestada. É a hipótese relativista”.

· “Utilizemos essa hipótese e, levando um pouco à frente, para um outro espaço, para um outro éter, nós teremos o HIPERESPAÇO.”

· “Os limites da velocidade da luz só se aplicam a este nosso espaço tridimensional das nossas percepções físicas. Isso confirma a hipótese de Zollner e nos possibilita entender quando nossos visitantes nos dizem que viajam num outro espaço, ou seja, no hiperespaço, no qual podem se deslocar na velocidade de anos-luz por segundo.”

· “Não dizemos que a ciência deva aceitar isso. A ciência deve verificar e considerar essas coisas como hipótese. É uma hipótese que apresenta um tipo, um modelo de universo dentro do qual ela pode arrumar os fenômenos, pelo menos provisoriamente. Porque a ciência nunca deve ter o preconceito de achar que não pode se modificar. A sua história é a história das transformações sucessivas. Adequação aos novos fenômenos e à nova época.”

· “Segundo nossa concepção atual, a nossa hipótese é a de que o mundo em que nós vivemos, se apresenta em nível vibratório mais baixo, mais denso do que o de uma realidade superior mas que, evidentemente, faz parte dessa realidade superior. É apenas uma questão de nível vibracional.”

· “Nossa ciência é muito digna e temos produzido muito nos campos da eletrônica, das radiações, da física...”

· “Nós anotamos, agora, que sábios de Harvard estão começando a sentir que, se não admitirem um espaço de espírito convivendo com um espaço de elétron, com um espaço de matéria, não podem explicar nem os fenômenos físicos. Então, a realidade é uma só...”

· “Sem fazer profissão de fé, a mensagem teosófica nos abre o caminho assim: prestigia incrível e precisamente toda a ciência realizada até agora e apresenta perspectivas de subidas infinitas... SUBIDAS INFINITAS...”



Paulo Uchôa – Entrevista sobre citações e conclusões de meu pai: Ufologia e Parapsicologia

<https://youtu.be/GmL9pxNwrBI>

CAPÍTULO XXI

Links para alguns vídeos que fiz de interesse para esta autobiografia

1) Neste vídeo, respondo a perguntas sobre a biografia de meu pai no campo da ufologia e acrescento outras informações sobre a figura ímpar de Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa, militar do Exército, engenheiro civil, professor catedrático de mecânica racional, espiritualista, parapsicólogo, ufólogo, fundador e primeiro presidente da União Pioneira de Integração Social (UPIS/Brasília), que nasceu em Muricy, Alagoas, em 21 de abril de 1906 e faleceu em Brasília em 05 de março de 1996.

Falando Sobre Meu Pai

http://youtu.be/vboNBzt88jI



2) Quando, no vídeo acima, a entrevistadora me perguntou sobre qual era conceito que meu pai tinha de Deus, eu respondi como no vídeo abaixo:

O Conceito de Deus que meu pai me passou
--

https://youtu.be/xQ9YiHFfEQE

















3) Palestra apresentada em Brasília/DF, em novembro de 2018, a convite dos amigos Cláudio Guterres, José Luiz Miranda de Almeida e Gerson Luiz Roos, que estudam a obra do meu pai, general Alfredo Moacyr de Mendonça Uchoa:

Vida e Obra de Alfredo M Uchoa: por Paulo Uchôa





https://youtu.be/sdRkoFzUzUs



4) Entrevistas: todas concedidas à Juliano Pozati, competente profissional e amigo:

	Entrevista Parte 1/7-Primórdios da pesquisa em Alexânia	https://youtu.be/iCRu6dSKVjM	
	Entrevista Parte 2/7 – A Mente sobre a Matéria	https://youtu.be/xHLuMN3sk-VQ	
	Entrevista Parte 3/7 – Outras Dimensões da Realidade	https://youtu.be/hp5ypVGxVk8	
	Entrevista Parte 4/7- Telepatia entre os seres alienígenas	https://youtu.be/61cUCMi33Y8	
	Entrevista Parte 5/7 – sobre filme Contato Imediato 3º Grau	https://youtu.be/jMq8kMO1O5M	
	Entrevista Parte 6/7-Minha participação no início pesquisa na Fazenda de Alexânia	https://youtu.be/vFGV2YiP6z0	
	Entrevista Parte 7/7-1º Encontro Internacional de Ufologia – Brasília/1979	https://youtu.be/JmMs7c5QLSs	
	Somos deste Planeta?	https://youtu.be/bMhgbgNpxWc	

5) Diversos

	VOZ DO CORAÇÃO – Aos meus pais	https://youtu.be/ZyHlhEKAMXQ	
	AMOR DE PAI – por Liane Uchoa	https://youtu.be/MZT1ZY1z8s0	
	Quando Avô e Neta cantam Juntos o Mundo Parece Mais Leve e Feliz	http://youtu.be/AKzEtjRrQ0c	
	SENAD-estudantes entrevistam Secretário Nacional Paulo Uchôa	http://youtu.be/39ozTv15ctM	

CAPÍTULO XXII
Os livros de meu pai

Livros de Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa

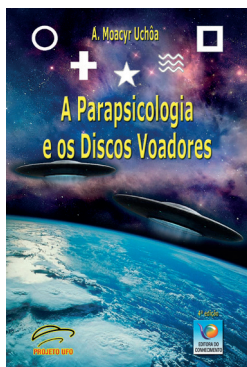


ALÉM A PARAPSIKOLOGIA

– 5ª e 6ª Dimensões da Realidade

“O Hiperespaço como o ambiente mais sutil, sem limites de espaço e tempo, onde o homem haverá de operar quando tiver desenvolvido, plenamente, as qualidades já demonstradas pela Parapsicologia.”

Alfredo Moacyr M Uchôa



A PARAPSIKOLOGIA E OS DISCOS VOADORES

“As religiões não valorizam nada que possa indicar a existência de seres superiores ao homem, o qual consideram a obra prima da criação. De repente, aparecem seres adiantadíssimos, com inteligência e poder muito acima da humanidade. Isso não interessa nem às religiões nem à ciência”.

Alfredo Moacyr M Uchôa



MERGULHO NO HIPERESPAÇO

“Com o evolver do homem para estados de consciências superiores, revelar-se-á o universo em que se contém, cada vez mais rico de possibilidades, apresentando dimensões novas, agora, vividas e compreendidas no abstrato conceitual do mundo interno do próprio ser.”

Alfredo Moacyr M Uchôa



CRISTO PARA A HUMANIDADE DE HOJE

“Por esse caminho chegaremos ao verdadeiro significado do Cristo Místico. É como se, na poeira cósmica que somos, na nossa Terra brilhasse, presente, o Poder que comandou a existência dos sóis e das galáxias. De certa forma, agora, no microcosmo, estão as Virtudes do Amor e do Infinito Poder que estão no macrocosmo e que a ambos condicionam. Assim também afirma a verdade dos livros sagrados: ‘O que está em cima é igual ao que está em baixo...’”

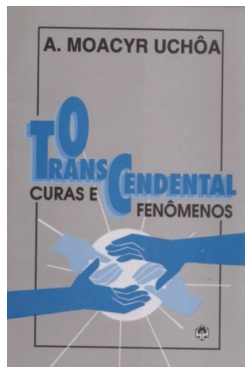
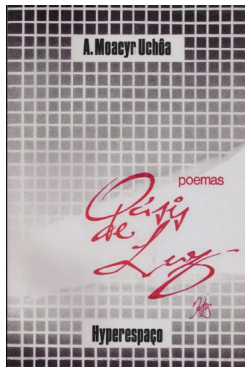
Alfredo Moacyr M Uchôa



UMA BUSCA DA VERDADE

“Haja coragem científica para, se necessário, transpor o aparente abismo, paradoxalmente aberto para o alto, que paralisa de espanto o audaz investigador voltado para o conhecimento da vida e vê a realidade ampliar-se ao infinito, para além de suas vistas afeitas a este mundo de 3 (três) dimensões. Serão essas apenas as dimensões dessa realidade cósmica, universal? Responda, pois, a ciência com a dignidade que lhe assegure, no futuro, nobreza e glória.”

Alfredo Moacyr M Uchôa



Portal na Internet de meu pai:

<http://www.general-alfredo-moacyr-uchoa.com/>

Considerações finais

E o início do ano de 2020 chegou. Regina e eu concordamos que a casa no Lago Norte, em Brasília, estava muito grande e trabalhosa para só nós dois. Decidimos por realizar nossa 27ª mudança e trocamos a casa por um excelente apartamento, em um condomínio fechado e muito seguro no setor Octogonal do DF. Estamos, ambos, encantados com a decisão, pela excelência do imóvel e a região onde se situa. E aqui estou eu, escrevendo este livro.

Como falei na apresentação desta autobiografia, sua finalidade maior é informar a nossa descendência nos Estados Unidos da América, terra natal das netas Monica Rose e Elisa Marie. Naturalmente, o amor pelo país onde nasceram é o número um. Mas, graças aos esforços e competência da mãe delas, nossa querida filha Denise, as duas nutrem, como parte delas, um imenso carinho pelo Brasil. Nesse ponto, Regina, eu e a tia Liane também somos responsáveis pela ternura e paixão, não só pela cultura brasileira mas, também, pela sua ascendência. Confesso que eu tinha receio de que minhas netas, ao falar português, o fizessem com acentuada pronúncia norte-americana. Mas nossas filhas Denise e Liane, cumpriram muito bem seu papel, ao ponto de, quando elas falam português, não se percebe qualquer sotaque estrangeiro.

Com certeza, outra finalidade desta autobiografia é o registro, ainda que muito resumido, para os parentes e amigos queridos, que Regina e eu fizemos ao longo de nossa jornada.

Sem nenhuma conotação religiosa, lhes afirmo minha certeza de que todos nós estamos subindo uma escada, cujo início não podemos identificar, nem tampouco o seu final, quando olhamos para cima. A única certeza que podemos ter é que es-